

RUBEM AZEVEDO LIMA

CORREIO BRAZILIENSE

16 MAR 1998

A corrupção e o poder

As práticas políticas mudaram muito na América do Sul. No passado, eram os golpes. Hoje, são as leis e as reeleições. O Peru reelegera Fujimori e, depois, concedeu-lhe o direito a nova reeleição. A Argentina também deu a Carlos Menem a reeleição e pode aquinhoá-lo com mais um mandato. Outra novidade veio do Chile: o ex-ditador Pinochet ganhou uma senatória vitalícia. No Paraguai, um candidato à Presidência, acusado de golpismo, foi condenado a dez anos de prisão. Tudo legal.

No Brasil, a maioria do PMDB aprovou o direito de reeleição do presidente Fernando Henrique. Agora, os mesmos peemedebistas, eleitos como oposição em 1994, e os ministros e governadores do partido, — apoiados, em convenção tumultuada, por agressiva claque de aluguel — contrariam as bases partidárias e negam aos correligionários o direito de enfrentarem a candidatura FHC em outubro.

Nos dois casos, a imprensa falou em troca de votos por favores entre o governo, de um lado, e os congressistas e convencionais da

“oposição governista” do outro. Esse tipo de oposição é o jeito de alguns brasileiros fazerem política, para magnificar o valor de seu adesismo. Afora isso, porém, tudo se fez e se faz nos termos da lei e com o prestimoso apoio da maioria no Congresso.

“A maravilhosa beleza das corrupções políticas!” É um verso de Fernando Pessoa, em *Ode Triunfal*. Pelo jeito, na visão do poeta, certos processos de corrupção política, por sua intensidade e violência, têm a força da música de Wagner, o compositor favorito de Hitler. Nessa música, aliás, o Brasil não é nota dissonante. Quem destoia é o presidente uruguaio Julio Sanguinetti. Referindo-se ao reeleitoralismo em voga na América do Sul, ele fez, há tempos, comentário que talvez choque, hoje, Menem e FHC: “Nunca fui pró-reeleições. Um presidente em busca da reeleição é um animal perigoso”.

Espremido entre dois reeleitoralistas, Sanguinetti deve sentir-se perplexo diante das mudanças havidas nas convicções democráticas de FHC. Quais serão, agora, os va-

lores políticos fundamentais que esse vizinho defende na realidade para o Brasil e para o Mercosul? FHC procura salvar as aparências de democracia no país, mas atinge a essência desse regime, que é o princípio segundo o qual não é lícito a nenhum governo, só pelo fato de ter o apoio político da maioria, fazer o que bem quiser. Do contrário, Hitler e Stalin poderiam ser considerados democratas, pois o que fizeram na Alemanha e na ex-URSS teve sempre o apoio do Reichstag e do Soviet Supremo.

Mas os regimes que se legitimam pelo viés antidemocrático nos países em desenvolvimento, identificados ideologicamente com os pólos de poder no mundo, são mais vulneráveis a quaisquer pressões. Por isso, tais pólos fecham os olhos a projetos políticos pouco ortodoxos mas úteis a seus interesses. Que são no Brasil, segundo Bautista Vidal e Gilberto Vasconcelos, as riquezas naturais e o controle das fontes de energia renovável — a biomassa dos trópicos — decisiva para a dominação estratégica do mundo após o fim das reservas de combustíveis fósseis.